

Nunca foi só futebol: um estudo sobre o Futebol Callejero vivenciado por mulheres

Allet, Andressa Vieira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
vallet@unisinis.br

Dotto, Augusto Dias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
ADOTTO@unisinis.br

Silva, Carolina Caneva da, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
carolcaneva@gmail.com

Souza, Tobias Gernhardt de, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS),
tobiasgernhardt1@gmail.com

Silveira, Raquel da, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
raqufrgs@gmail.com

INTRODUÇÃO

O PEI - Programa Esporte Integral, é um projeto social esportivo de extensão universitária, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinis, atende crianças e adolescentes com idade entre 7 e 17 anos de idade em situação de vulnerabilidade social no município de São Leopoldo/RS/Brasil. O programa existe há 35 anos e de acordo com o seu projeto (2023) têm como objetivos a formação da cidadania ativa, o protagonismo juvenil, a promoção da equidade de raça e gênero e exercício do direito ao esporte e lazer; O PEI constitui-se em um espaço de extensão universitária, qualificando e ampliando a formação acadêmica, dialogando e estabelecendo relações com a comunidade. Atualmente o PEI oferece atividades esportivas voltadas à prática do hóquei, do atletismo e do futebol em dois núcleos, um no Centro de Esporte e Lazer da Universidade e outro no Clube AABB (Associação do Banco do Brasil) de São Leopoldo, juntamente ao programa AABB Comunidade como parceiro.

O Futebol Callejero, um importante ator nessa pesquisa e uma das práticas desenvolvidas pelo programa, propõe uma outra forma de se pensar e jogar futebol, onde meninas e meninos jogam juntos e criam as regras do jogo, não tem árbitro e sim um mediador ou mediadora que auxiliam na construção das regras e resoluções de conflitos e existe também momentos de diálogo e reflexão baseado em valores humanos e sociais. Conforme Rossini *et al* (2012), no trabalho “FútbolCallejero, Liderazgo y Participacion”, o Futebol Callejero teve início em um bairro de Moreno (Argentina) como uma experiência de construção coletiva juntamente a outros países e comunidades que se motivaram a jogar

futebol desenvolvendo a cidadania. O início da proposta foi de recuperar o espaço de protagonismo e de diálogo entre os jovens em uma sociedade com muita violência estrutural, nas relações com a família, na comunidade e na escola. “Além da apropriação dos espaços públicos, a metodologia do Futebol Callejero propõe um novo jeito de jogar futebol, valorizando e dando visibilidade para valores humanos e sociais, como o respeito à diferença, a solidariedade e a cooperação” (Gutierrez et al., 2016, p. 25).

As aproximações junto ao Futebol Callejero iniciam no PEI no ano de 2010, através do coordenador Augusto Dotto que já conhecia essa prática por já ter desenvolvido em outro espaço de trabalho anteriormente; a partir daí estudos sobre o Futebol Callejero foram inseridos no planejamento e organização do PEI. Questões passam a ser debatidas em como desenvolver essa prática, em como mediar e não arbitrar, em como focar no protagonismo e autonomia das crianças e adolescentes facilitando para que elas sejam estimuladas na resolução de conflitos, diálogo e posicionamento, bem como os debates sobre as relações de gênero no futebol.

O futebol no Brasil tem uma característica em ser um espaço eminentemente masculino, com isso acaba fortalecendo questões socioculturais e valores associados a sua prática, principalmente diferenciando meninas e meninos nesse contexto esportivo. De acordo com Goellner (2005, p. 147), “...se estabelecem novas bases para a organização do esporte no país, fazendo com que, em 1979, fosse revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vedava a prática do futebol e do futebol de salão pelas mulheres”. Esses acontecimentos históricos, ainda refletem na realidade de muitas meninas que gostam de jogar futebol, seja relacionado aos preconceitos de gênero, quanto ao próprio desenvolvimento do futebol de mulheres em nossa cultura. Diante desse contexto, o Futebol Callejero, jogado de forma mista, acaba por criar um espaço de diálogo e de escuta onde muitos conflitos perpassam pelas relações de gênero nesse âmbito. Para tanto, esse trabalho é um recorte de uma pesquisa de dissertação de mestrado que está em andamento, no qual busca compreender como as mulheres ex participantes do PEI, vivenciaram suas trajetórias de um “ser mulher” nesse local, a partir das experiências junto ao Programa e ao Futebol Callejero, que embora sejam âmbitos pensados para a participação das meninas, a cultura do esporte por si só, em especial o futebol, coloca em dúvida suas existências nesse espaço.

METODOLOGIA

As colaboradoras para esse estudo são 19 mulheres de idade entre 18 e 39 anos, ex participantes do PEI, seja enquanto educadoras ou educandas que já tiveram contato e

vivências com as práticas do Futebol Callejero. A construção dos dados iniciais foi através de um grupo de *Whatsapp* que iniciou em meio à pandemia. Logo após a flexibilização dos protocolos de prevenção ao Covid-19, realizamos encontros presenciais através de práticas de futebol e conversas em grupo, bem como entrevistas semi-estruturadas individuais e elaboração de diários de campo. Inicialmente fizeram parte da pesquisa junto ao grupo de *whatsapp*, vinte e uma participantes. Foi realizado também junto ao auxílio de um bolsista, 3 entrevistas individuais com atores importantes no processo da história dos 35 anos de vida do PEI, que atuaram enquanto gestores do programa em épocas diferentes, que nos ajudaram a compreender a trajetória do PEI nesses anos de existência. Todas as entrevistas realizadas para esse estudo foram gravadas e transcritas.

Essa pesquisa consiste em um estudo qualitativo sustentado na sociologia pragmática para o processo analítico. A Sociologia Pragmática, também denominada como Sociologia da Crítica, que em um caminho inverso à Sociologia Crítica (que aponta a capacidade de prover a crítica aos pesquisadores), visa a compreensão dos momentos, das situações, onde as próprias pesquisadas e pesquisados são os principais atores dessa construção, apontando suas críticas nesse processo, ou seja, a capacidade crítica é delegada às/os participantes da pesquisa. A Sociologia Pragmática teve seu início na França em torno da década de 1980, Luc Boltanski é um dos seus precursores e conforme ele, uma das principais preocupações dessa sociologia é como as pessoas colocam em prática seus ideais de justiça se engajando às críticas, justificando suas ações e convergindo aos acordos. E através desse olhar e desse processo analítico, compreender a trajetória das mulheres junto ao PEI e à prática do Futebol Callejero, em como elas transitaram nesses espaços na época em que estiveram junto ao programa, e a partir dessas vivências, como se implicaram, se afetaram e se constituíram enquanto mulheres no PEI e nas suas vidas.

PEI, MULHERES E O FUTEBOL CALLEJERO

Os caminhos construídos pelas mulheres através de suas trajetórias junto ao PEI e ao Futebol Callejero, possibilitaram uma análise junto ao que o campo trouxe, apontando para o PEI como um agente fundamental em suas trajetórias, um despertar para o rompimento das estruturas dominantes da sociedade. O PEI aparece na fala delas, enquanto um espaço que oportuniza a desconstrução das estruturas hegemônicas. Para nos auxiliar a compreender essas trajetórias, utilizamos a noção de crise que a sociologia pragmática traz, de acordo com Boltanski é preciso “renunciar à forma sob a qual a sociologia crítica concebia a assimetria entre o pesquisador e os atores” (2016, p. 144). Através desse olhar, o campo trouxe o PEI

enquanto um espaço que abala as questões hegemônicas onde o Futebol Callejero é o grande modo de fazer as meninas acessarem diferentes compreensões de mundo. O PEI enquanto um espaço de crise que provoca muitas questões nas pessoas, faz ter ação, argumentar, justificar, e a partir disso, a crise ser um meio de acessar o gênero. Para tanto algumas perguntas norteadoras são importantes nesse processo. Em que momentos elas agem? Em que momentos elas acionam coisas que antes não tinham acesso? Em que momentos elas questionam? Justificam? Argumentam?

Elas trazem o PEI como um espaço desafiador que oportuniza desconstruções de ser mulher em diversas situações, como na questão da idade e de estar à frente de uma atividade de futebol com o grupo de adolescentes (13 à 17 anos), como mesmo menciona uma das participantes:

Era muito desafiador pra mim era a pouca diferença de idade né porque eu era bem mais novinha assim, quando eu estava no PEI, eu devia ter uns dezenove anos eu acho, vinte no máximo. E pegar aquele grupo de adols assim pra mim era muito desafiador. Exatamente. E outra questão né, de eu ser mulher, de estar ensinando o futebol, então isso era um desafio imenso, mas também é algo que, que nos modifica muita coisa na nossa cabeça né interna na gente assim, a gente cria muito mais segurança, eu pelo menos tenho muito mais segurança assim pra trabalhar depois, fora do PEI assim (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora A).

A mesma menciona o espaço do PEI como uma oportunidade para desconstrução de coisas. “Eu acho que o PEI assim, ãã... Tem muito disso, né? De desconstruir as coisas.”

Que eu vim de uma família assim, muito, muito machista, né, homens machistas e mulheres com comportamentos machistas. E talvez, se eu não tivesse, eu sempre falo isso, talvez se eu não tivesse passado pelo PEI, muitas das coisas que minha, minha avó viveu, minha mãe viveu, minhas tias viveram, talvez eu estaria vivendo hoje assim, foi algo que, que mudou completamente. Acho que isso é bem importante assim falar, né, porque as vezes a gente acha que é só na área esportiva, ali do futebol, não, e não é assim. O empoderamento de mulheres é, o futebol assim, mudou a minha vida, com certeza (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora A).

Através desses relatos, podemos perceber o espaço do PEI e do futebol, como atores importantes nas desconstruções relacionadas à reprodução do machismo, tanto no futebol, quanto em seu ambiente familiar, fortalecendo-a, para outros espaços em que vier atuar enquanto mulher em sua profissão e também quanto ao empoderamento e desconstrução de um ser mulher na sua família.

O PEI aparece como um espaço de perceber o esporte de outra forma, que não apenas a competição pela competição e o futebol hegemônico, mas também um espaço de encontro junto a outras meninas também; “Então ali eu fui descontruindo isso assim, de me dar conta do quanto eu queria quando eu era criança aquele espaço de compartilhar o futebol e ter outras meninas pra jogar comigo” (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora B). Esse relato aponta, a solidão por vezes, de estar jogando enquanto menina apenas entre meninos e que no PEI e no Futebol Callejero, teve a oportunidade de vivenciar e desconstruir diante de suas experiências anteriores com o futebol de competição, para também um espaço que possibilita o compartilhar.

Os relatos apontam também para marcadores, sobre além da questão de ser mulher, ser negra; “Eu quando entrei no PEI, eu me via muito agressiva, porque também né, era futebol, competição aquela coisa toda. E querendo ou não, isso que a Andressa trouxe, né? De ser uma mulher negra. A gente às vezes cria uma casca, né?” (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora A). Esse relato, nos permite refletir, sobre a violência enquanto um marcador que reflete no ambiente esportivo atrelado às questões de gênero e de raça. Essa “casca” trazida em sua fala, diante do olhar da crise que a sociologia pragmática nos traz, seria um modo de agir, um modo de acesso, e de defesa diante das estruturas hegemônicas, uma tentativa de rompê-las. As participantes comentam também, o espaço do PEI, enquanto uma oportunidade de fala, de se posicionar em outros espaços, como no trabalho por exemplo, quando questionada se as vivências no PEI auxiliaram nesse processo, conforme a Ex educanda A (trecho de entrevista individual realizada em 28 de setembro de 2022) “me impor mais, né, porque eles eram, é, só homem, eu era a única mulher.” Mais uma vez, percebemos um sentimento de solidão trazida em sua fala, mas que as vivências junto ao PEI, lhe auxiliaram a se impor em determinados espaços e que em momentos de crise elas acionam essas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender a trajetória das ex participantes no PEI e no Futebol Callejero, como elas viveram um ser mulher, junto as suas idades, raças, classes, sexualidades

e trajetórias de vida, esse estudo trouxe um breve histórico do PEI enquanto um importante ator nesse processo e o significado que esse espaço tem na vida das meninas. Traz o Futebol Callejero enquanto um meio de acesso à coisas e ao gênero, e que esse processo de desestabilizar as estruturas, é um processo por vezes desafiador.

REFERÊNCIAS

- Goellner, S. V. (2005). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, 19(2), 143-51.
- Rossini, L., Serrani, E., Weibel, M., Wainfeld, M. (2012). Fútbol Callejero: Juventud, Liderazgo y Participación Trayectorias Juveniles em Organizaciones Sociales de América Latina. *FUDE (Fundacion Fútbol para El Desarrollo)*.
- Silva Gutierrez, C. A., Dotto, A., Allet, A. (2016). Futebol Callejero, juventude e cidadania. *Lúdica Pedagógica*, 1(23), 19-29. <https://doi.org/10.17227/01214128.4153>